

Um resumo sobre a história única da maternidade e trabalho: relação entre comunicação e violência organizacional¹

Raquel CABRAL²

Cassiana CAGLIONI³

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Instituição Toledo de Ensino - ITE

Resumo

Discutir a maternidade no contexto do mundo do trabalho parece ser um desafio sem solução e a comunicação nas organizações pode legitimar práticas discursivas que perpetuam a violência organizacional. Este trabalho apresenta um resumo da tese de que analisou a percepção de sete mães trabalhadoras e duas mães gestoras de Bauru/SP sobre o discurso que as organizações produzem a respeito da maternidade e trabalho. Por meio de entrevistas em profundidade e análise de conteúdo, verificamos que a comunicação organizacional reforça narrativas que naturalizam experiências violentas a tal ponto que, mesmo quando as mães reconhecem e identificam tais práticas, ainda existe um discurso sedutor alinhado à lógica neoliberal e patriarcal, padronizando e perpetuando violências bem como o silenciamento de histórias diversas.

Palavras-chave: 1.Comunicação; 2.violência organizacional; 3.maternidade.

Maternidade, trabalho, violência organizacional e a relação com a comunicação

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009) reflete sobre como nosso conhecimento é moldado pelas histórias únicas que ouvimos sobre povos, lugares e pessoas. Nesse sentido, pensar sobre a narrativa de que a mulher mãe trabalhadora é uma “supermulher” — aquela que “mata um leão por dia” e “dá conta de tudo: dos filhos, do trabalho, do lar, do companheiro...”, tem sido amplamente apropriada por

1 Trabalho apresentado na Sessão Temática: Comunicação Intercultural e as transversalidades interseccionais em crises - atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas

2 Pós-doutora no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, UNESP – Bauru S/P: raquel.cabral@unesp.br

3 Doutora em Comunicação, Instituição Toledo de Ensino - Bauru/SP: cassianacaglioni06@gmail.com

organizações empresariais, públicas e do terceiro setor, além das mídias corporativas. Essa concepção se enraíza na cultura organizacional, influenciando seus valores e sua comunicação, o que acaba por reforçar diferentes formas de violência como a direta, a estrutural e a cultural (Johan Galtung, 1969).

Além disso, no contexto patriarcal e neoliberal, a maternidade torna-se refém do próprio sistema (Ester Vivas, 2021), perpetuando uma lógica que padroniza o papel da mulher na sociedade. Historicamente, esse modelo reforça a subserviência da mulher branca à família e a continuidade da exploração da mulher negra no trabalho, mesmo após a abolição da escravidão (Vera Iaconelli, 2023).

Esse processo de estigmatização e normalização das desigualdades, com suas múltiplas subjetividades, também se manifesta no ambiente organizacional, perpetuando assimetrias de poder e impacto na vida das mães trabalhadoras, “o que nos remete a evidenciar a importância que as organizações têm e sua intrínseca relação com a legitimação de determinadas estruturas, práticas e culturas de violência na vida em sociedade” (Cabral; Gonçalves; Salhani, 2018, p. 249), e acrescentam Ferrari e Cabral (2019, p. 6) que “as relações entre a cultura e a comunicação são tão complexas que até mesmo expressá-las é difícil, uma vez que ao mesmo tempo em que a comunicação permite a existência da cultura, a cultura condiciona a forma de comunicarmos.”

Por esta perspectiva, pensar em cultura e comunicação nos ajuda a refletir que as organizações são muito mais que artefatos visuais e ferramentas de controle e gestão. Elas são, também, espaços que podem legitimar violências por meio de práticas socioculturais e discursos ou também assegurar direitos fundamentais de uma perspectiva mais crítica, democrática e propositiva.

Isto implica em dizer que abordar a temática maternidade e trabalho nos desafia a superar a visão neoliberal e patriarcal da maternidade e atuar no sentido de trazer uma visão crítica e dialogada a partir da comunicação. Neste sentido, buscamos alternativas para romper com a naturalização de uma cultura de violência fundamentada na crença de que a mãe deve ser a responsável pelo cuidado das crianças, reforçando uma história única da maternidade e trabalho.

Estudo de campo aplicado à realidade das mães trabalhadoras

A pesquisa parte da hipótese de que a história única reproduzida e naturalizada pelas narrativas organizacionais seduz, padroniza, silencia e invisibiliza as violências que mulheres mães trabalhadoras sofrem no mundo do trabalho.

O objetivo geral é analisar como mulheres mães trabalhadoras percebem essas narrativas organizacionais em relação à maternidade e ao trabalho. Os objetivos específicos incluem: a) discutir a partir de revisão de literatura sobre o lugar ocupado pela maternidade na perspectiva feminista; e b) compreender se as organizações podem atuar como legitimadoras da violência direta, estrutural e cultural sobre a temática da maternidade, sendo que a questão central que orienta o estudo é: a comunicação organizacional contribui para a perpetuação da violência contra mulheres mães no ambiente de trabalho?

Metodologicamente, o estudo realizou uma revisão de literatura para embasar sua análise com base em autoras como O'Reilly (2016), Oliveira (2012), Del Priori (2009), Souza (2019), Davis (2016), Vivas (2021) e Iaconelli (2023). Já para discutir comunicação, violência e organizações, foram adotados referenciais de Spink (1996), Tanure de Barros (1996), Hall (1980), Williams (1969), Freire (1980), Wolton (2006), Galtung (1969), Ferrari e Cabral (2019).

A pesquisa de campo foi realizada com mães de crianças entre 4 meses e 5 anos que trabalham formal ou informalmente e residem ou trabalham em Bauru/SP. A seleção das participantes seguiu uma amostragem não probabilística por conveniência, priorizando aquelas mais acessíveis à pesquisadora. Entre outubro e novembro de 2023, a pesquisa foi divulgada na rede de contatos da pesquisadora, selecionando mães com diferentes formas de contratação, classes sociais, etnias e condições de apoio familiar. De janeiro a fevereiro de 2024, aplicou-se um questionário online para levantamento do perfil das participantes.

Com base nos primeiros resultados, identificou-se a necessidade de ampliar a pesquisa para incluir mães que ocupam cargos de gestão em empresas públicas e privadas. Assim, em abril de 2024, foram realizadas mais duas entrevistas para aprofundar a compreensão da relação entre maternidade e o ambiente corporativo.

A pesquisa utilizou entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas, abordando maternidade, trabalho, violência nas organizações e comunicação. Para interpretar os dados, adotou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2011), estruturando categorias como perfil social e racial das participantes, experiências de violência organizacional, reconhecimento da maternidade em diferentes perspectivas (patriarcal, neoliberal ou matricêntrica) e a relação entre comunicação organizacional e violência.

Reflexões finais e perspectivas

A pesquisa proporcionou uma análise qualitativa profunda, revelando como a comunicação organizacional influencia as subjetividades e identidades das mães trabalhadoras. Os resultados indicam que as narrativas institucionais reforçam uma história única sobre maternidade e trabalho, naturalizando violências que, mesmo reconhecidas pelas próprias vítimas, acabam sendo internalizadas e aceitas dentro da lógica neoliberal e patriarcal do mercado de trabalho.

A comunicação organizacional não apenas pode padronizar e perpetuar práticas de violência, mas também pode silenciar e invisibilizar experiências maternas diversas, reduzindo o potencial contestatório das trabalhadoras. Diante das desigualdades estruturais e frente à necessidade de sustentar suas famílias, muitas mães acabam se submetendo a condições adversas, que se tornam normais, ou seja, são naturalizadas ao longo do tempo. Além disso, a pesquisa questiona a ideia sedutora de que a sobrecarga materna transforma mães em “guerreiras” com habilidades úteis ao mercado. Em vez disso, propõe um modelo organizacional baseado no diálogo e na transformação social, fundamentado nos princípios do feminismo matricêntrico, que resiste às estruturas patriarcais e neoliberais.

O estudo sugere que reconhecer as vulnerabilidades cotidianas das mães no ambiente de trabalho pode levar à construção de novas práticas comunicacionais e organizacionais mais inclusivas e democráticas. Ao abordar a comunicação de forma interseccional e crítica, busca-se criar alternativas que promovam relações mais equitativas no ambiente corporativo. Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para revelar os silenciamentos históricos impostos às mães trabalhadoras dentro das

organizações, fornecendo bases para futuras investigações e para o desenvolvimento de estratégias comunicacionais alinhadas ao feminismo matricêntrico e antimaternalista.

Referências

ADICHIE, C. N. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2000.

CABRAL, R.; GONÇALVES, G.; SALHANI, J. (2018). Violência organizacional: reflexão a partir da perspectiva dos estudos para a paz. *Organicom*, vol. 15, n. 28, 47-74.

FERRARI, M. A. e CABRAL, R. Comunicação intercultural e interseccionalidade: breve reflexão sobre as perspectivas e desafios da diversidade nas organizações. 2019, Anais. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003008430.pdf>.

GALTUNG, J. Violence, peace, and peace research. *Journal of Peace Research*, Thousand Oaks, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.

IACONELLI, V. Manifesto Antimaternalista: Psicanálise e políticas de reprodução. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

O'REILLY, A. Matricentric feminism: theory, activism, practice. Toronto: Demeter, 2016.

VIVAS, E. Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade. São Paulo: Timo, 2021.